



# Gaiato

26 DE JULHO DE 1969  
ANO XXVI — N.º 662 — Preço 10\$00

## OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Pai Américo

**F**ARIA dia 28, quarenta anos de padre... Fá-los no Céu, que o sacerdócio é «in aeternum» e os poderes divinos que confere são Lá impassíveis de contradição e com certeza mais eficazes na intercessão. Por isso nos habituámos a conviver com ele no presente e assim procuramos fomentar a convivência dos nossos Rapazes, tanto mais que muitos já o não conheceram neste mundo e em breve serão raros os que tiveram essa dita.

Ora nós não queremos que Pai Américo seja a sombra do nosso venerável Fundador, nem uma figura lendária cuja evocação pertença mais à fantasia do que ao sentido histórico que se deseja para cada um. Pai Américo foi, antes de mais, um homem com defeitos — que os santos não estão isentos deles!; um «pecador de sete vezes ao dia» — como ele próprio se confessava. Guardado providencialmente, desde pequenino, para a realização duma grande vocação — a que seria heróicamente fiel — ele deixa tudo na hora em que o Senhor o chama e aceita a unção sacerdotal como realza de serviço que o estabelece Pai de uma geração difícil de contar. A fidelidade é a sua grandeza; a fé no impossível, a luz do seu caminho; a esperança contra toda a razão de esperar, a sua força.

Foi o sacramento da Ordem que o constituiu Pai. A lógica aceitação de todas as consequências da paternidade explica a sua extraordinária fecundidade. Notável, acima do comum, é a sua adesão a Cristo, a sua paixão por Ele. É este amor que o transfigura e lhe dá a transcendência dos seus defeitos. Enamorado de Cristo, sem outra preocupação que não fosse segui-LO de perto para O não perder de vista e se não perder, Pai Américo foi sábio sem o suporte de grande ciência humana, foi forte sem o manejo hábil de nenhuma arma, desnecessária,

Continua na SEGUNDA página

Aquele grupo de amigos que à mesa do café combinou ajudar-nos a trazer a luz — foi um rastilho que pegou. Ateou fogo! Alastra em labareda! Vamos ter luz.

Saiu a procissão. À frente o Snr. Matos com a batuta; pasta do rebate com as listas dos donativos em dia; a presidir, na primeira página, a fotografia de Pai Américo a quando duma alocação em Luanda. Já vai longa e nos 50 mil. Há flores no chão e colchas nas janelas... Nas outras ruas muitos esperam entrar.

Quando tivermos luz — virás ver as luzes reflectidas na lagoa. Bonito! Assim a tua ajuda preciosa ficará reflectida na Eternidade.

X X X

Na vastidão da baixa de Cassange e nos recantos do planalto os campos de algodão são um deslumbramento. Flocos de neve no silêncio das planuras! Que brancura imaculada tem, todos os anos, o condão de nos unir no amor e na esperança!

Que cor? Que raças? Se Deus dá a todos o sol, a chuva, os campos, o luar e as estrelas?! Diferenças profundas clamam profundos ajustamentos — e estes processam-se depondo nos ombrais o nosso egoísmo.

Quatro grupos de quatro sanzalas que nos rodeiam vieram, este ano, dar-nos uma ajuda na apanha do algodão... Belo! Um gesto cheio de ternura.

Flocos brancos a dar mais sonhos dentro dum sonho.

X X X

É o «Altinho». Há dias disse-me que já devia usar calças, que não podia... e apontou-me as pernas compridas — 80 centímetros por fora dos calções. Vamos pensar nisso. Haverá corte que sirva? Talvez nas tuas estantes... Convém que as primeiras calças não sejam muito bonitas, senão — cai-me o «Altinho» das pernas abaixo.

Padre Telmo

## MALANJE



Temos as obras quase paradas e duvidamos mesmo que consigamos concluir até ao fim do ano a nova casa-mãe. O optimismo expresso há precisamente três anos, de visionário atrevido, julgando «chegada a hora de lançar a público a grande campanha de aquisição de fundos para levar avante o empreendimento da construção da Aldeia, imprimindo um ritmo e um dinamismo capazes de, entre 5 e 10 anos, nos levar a possuir nas cercanias da Capital uma Casa do Gaiato digna desse nome», consideramo-lo ultrapassado pelas realidades, infelizmente pelo lado negativo. O que nos tem chegado, salvo uma ou outra presença estimulante e amiga, está longe de permitir ter ao serviço meia dúzia de operários. O trabalho dos Rapazes é e continuará a ser base de todos os nossos empreendimentos; mas o cimento, o ferro, os tijolos e os restantes materiais têm de se adquirir com o vil metal nas mãos.

A nossa vida é, por vezes, bastante dura. Bem sabemos que o jugo é suave quando acreditamos na Providência, mas não podemos deixar de lastimar que grande parte das nossas energias se consuma em vencer dificuldades de ordem material, quando as crianças que nos estão confiadas requerem uma atenção constante e os cuidados mais exigentes. Se

colocássemos aqui as fotografias dos «beneméritos benfeitores» com adulações à moda dos tempos, para satisfazer os caprichos e as vaidadezinhas de cada um, talvez fôssemos melhor sucedidos. Disso, porém, estão livres os leitores de «O Gaiato» e todos aqueles que ousassem, porventura, pedir ou esperar tal conduta da nossa parte.

Os Rapazes têm trabalhado além das suas posses. Isso custou-nos muito e compensa-nos de certas dores. Há quem se levante às seis da manhã para ir para a ceifa do feno e depois de 8 horas e meia de oficina ainda se ocupe mais duas no arranque da batata ou em outros trabalhos. Se não forem Eles a fazer as tarefas não serão os de fora a executá-las. Pode-se dizer que bem comem o pão de cada dia com o suor do seu rosto. As mãos calejadas em tão tenras idades são uma acusação profunda aos instalados na vida, aos indiferentes e aos insensíveis, aos delapidadores de bens e aos ociosos que proliferam em todas as classes, com mais ou menos cabelo e mais ou menos pano nas vestes, protestando por tudo e por nada, mas nada fazendo de útil. De resto, às vezes, quanto mais se fala ou mais extravagante

Continua na QUARTA página



## PATRIMÓNIO dos Pobres

Dois acontecimentos recentes na busca de soluções para as necessidades habitacionais dos Pobres têm um alcance tal que não podemos nem devemos silenciar o nosso regozijo, sob esta bandeira do Património, que Pai Américo levantou com o grito de «à cruzada» — vão lá 18 anos! — com tanta audiência e fruto, graças a Deus.

Refiro-me ao Colóquio sobre Política de Habitação e à criação do Fundo de Fomento da Habitação, que começou a funcionar em 1 de Julho passado.

O Colóquio foi um debruçar humilde, ansioso de verdade, sobre o problema tal como ele é, com mil facetas e incidências sobre a vida da nossa gente. Revelaram-se números de estremecer; falou-se sem eufemismos da reali-

dade nua e crua; não teve lá assento aquela ilusão-mortífera, cultivada ao longo de decénios, de que vivíamos no melhor dos mundos possíveis; menos ainda aquele princípio, também de morte, de que «se não deve falar naquilo que se não pode remediar».

O Património, com todos os ramos que dele brotaram ao longo dos anos, cada um procurando responder especificamente à mesma necessidade conforme as diversas possibilidades dos necessitados, fez já a prova de que, quando se põe o dedo na ferida com o desejo sincero de a sarar, alguma coisa se consegue mesmo que tudo se afigure impossível no princípio.

O maior êxito deste Colóquio, me parece a mim, reside exactamente no achamento de

Continua na TERCEIRA página

# MARÉ ALTA

## Com a presença do nosso Bispo

Queríamos tudo fôsse só em família. Com discreção e na intimidade. Mas hoje o mundo não permite assim. E submetemo-nos à invasão de repórteres fotográficos, jornalistas, T. V. — aos órgãos da informação e opinião. Não há dúvida, porém, que, assim, os amigos de longe puderam compartilhar connosco da jornada familiar.

Sr. D. António, à chegada, foi cumprimentado por toda a comunidade, junto às escadas da casa-mãe. E as carícias do discípulo de Pedro caíram fundo na alma do «Eusébio», do «Brazinha», de todos. «É o nosso Bispo!»

Dirigimo-nos, depois, para a Capela, para o acto central e mais solene do dia — a Santa Missa. O nosso Prelado celebrou com os Padres da Rua. E a comunidade partici-

pou — com a Graça de Deus — no Banquete que dá Força aos fracos e oprimidos.

À homilia Sr. D. António desenvolveu um tema complexo e oportuniíssimo, frizando que «a Igreja toma Pai Américo como a realização plena do sacerdócio». E, nesta linha, desenvolveu o sentido profético — inserido na Igreja — do plano de acção de Pai Américo, da Obra da Rua e dos seus obreiros, no mundo onde é difícil entrar e viver-se a Mensagem de Nazaré. Dirigindo-se particularmente aos nossos Rapazes, recomendou o «sentido da liberdade na responsabilidade», que faz parte da nossa vida e que Pai Américo implantou, corajosamente, há tantos anos já, no seio da Obra. «Hoje fala-se nas escolas, nas universidades, nos seminários, muito da linguagem que o Pai Amé-

rico falou convosco...» (A minha memória rejuvenesceu e lembrou o «escândalo» que éramos na década de 40. «Ele manda-vos sós prá rua?!...» E mais e mais e mais.) O Prelado advertiu, no entanto, adiante, referindo-se ao nosso estilo de vida, que «só devemos obedecer à nossa consciência e àqueles que são representantes de Deus». Por isso, acrescentou, «Pai Américo procurava cultivar a liberdade interior» para a construção do homem segundo a vontade de Deus. A figura de Pai Américo, em todas as suas facetas, serviu de tema. A mais alta, porém, que ele sempre cantou alto e bom som — nutrido pelo Alimento do Altar — foi a sua fé em Deus. E, também, no homem. «Pai Américo demonstrou que não pode haver fé em Deus sem confiança no homem». Por isso, rematou a sua brilhante homilia esclarecendo a missão cristianizadora e profética da Obra da Rua — como Obra da Igreja.

Após a Missa — vivida em pleno pela comunidade — almoçámos no refeitório com o Prelado e amigos da primeira hora. Momentos de convívio inesquecível. Alegria a rodos. No fim do almoço, Sr. Padre Carlos agradeceu a presença do Sr. Bispo do Porto. Focou as fases de vida sacerdotal de Pai Américo. E rematou com a oportuna leitura de uma sua carta histórica, dirigida ao Sr. D. António, em 10 de Dezembro de 1952, da qual extraímos só os dois primeiros parágrafos:

## comemorámos o 13.º aniversário de Pai Américo no Céu

«Quis Vossa Excelência chamar-me para um almoço doméstico. Convidou-me, a seguir, para a festa da abertura solene do Seminário de Vilar. Sentou-me à direita. Proclamou a «Obra da Rua» em palavras dirigidas à assistência, nomeadamente aos seminaristas. Nada combinado. Tudo espontâneo. Nada esperava. Tudo guardei no meu coração e, à luz da Graça, chamo a estes simples acontecimentos uma canonização. Doze anos depois de ter nascido, um Membro da Hierarquia canoniza a Obra.

«Logo no princípio e sentindo que destoava, era meu costume procurar de vez em quando os meus Prelados, a quem perguntava se ia bem. De ambos tive ocasião de ouvir por vezes um «ande lá» e com isto tenho tibubeado. Agora porém, ouvi mais alto. Tenho mais certeza. Sinto-me mais seguro. Vossa Excelência é um novo. É Bispo eleito do Porto. Tem a graça de estado. Descende dos apóstolos. Vem de Cristo.»

Sr. D. António agradeceu a leitura da carta que lhe fôra dirigida e de que já se não recordava; comentando e esclarecendo, de novo, o valor missionário do testemunho de pobreza

sacerdotal dos Padres da Rua — como «flechas» de apostolado — a propósito de um alvitre inserto na mesma: «hoje é tempo de uma obra de padres diocesanos, sem características de congregação, que prestem serviços ao povo sem pedir retribuição e distribuam regularmente as esmolas que recebem.» Frizou adiante, também, o carácter percursor de Pai Américo, e de Padre Alves Correia, em relação ao Concílio Vaticano II. E disse que «Portugal não vai sempre na rectaguarda...» Apelando finalmente, como na Capela, para a vivência do «profetismo, que é sempre a marca da Obra de Pai Américo».

Deslocámo-nos, em seguida, ao «Calvário» de Beire. O Prelado, como em Paço de Sousa, inteirou-se da vida comunitária. Falou a todos. Confortou os mais doentes. E não podia terminar melhor a comemoração de 13 anos de vida celestial «Pai Américo: a presença do nosso Bispo na «menina dos olhos» da Obra da Rua — o «Calvário», para os doentes pobres incuráveis.

Júlio Mendes



FESTAS — A preparação continua. Agora com mais intensidade porque o dia se vai aproximando.

Custam suor e muita dedicação aos mais responsáveis. O Américo não tem mãos a medir. Divide-se pelos ensaios e confecção de guarda roupa. A Olímpia é a «modista» do guarda roupa feminino, que este ano promete não desmerecer os mais anos. Não-de ver! Faço esta afirmação porque fui indiscreto e entrei no «atelier» dos costureiros e vi. A moda também dita as suas leis cá em casa e, desde já, peço aos nossos espectadores que não se escandalizem!

Foi expressamente requisitada à nossa Casa de Malanje uma das «vedetas» da Festa. É o Júlio ex-«Tira Olhos», como é mais conhecido. A hora em que escrevo estas notas, no improvisado salão de ensaios roda um grupo dançando um «passe-doble».

Tudo isto para delícia dos amigos, grandes e pequenos, que vão encher as salas do «Monumental» em Benguela e «Imperium», no Lobito, na primeira semana de Agosto.

x x x

Nota familiar — A bordo do «Moçambique» e aproveitando as poucas horas de paragem no Lobito, deu-nos a alegria de estar connosco o Fernando Augusto. Tem 18 anos. Deixa a Metrópole para vir trabalhar na nossa Casa de Lourenço Marques, nas obras de serralharia da nova Aldeia, ali em construção. É nosso desde pequenino. E, agora, vai pôr a render ao serviço da Obra que lhe serviu e serve de Mãe, aquilo que dela recebeu.

x x x

Damos contas das migalhas que chegaram às nossas mãos nestes últimos dias. Da Catumbela, 500\$00. E mais 300\$00 para agasalhar alguns dos nossos mais pequeninos. De Benguela 200\$ e esta dedicatória: «não assino, pois para se fazer bem não é preciso ser conhecida». Tive de passar por uma das lojas de Benguela e comprar 90 cobertores, que o frio apertou. Mais 200\$ e mais 50\$. Da Metrópole, um vale de 250\$.

Padre Manuel



# Pai Américo

Cont. da PRIMEIRA página como a David diante de Goliath. Bastava-lhe combater em nome do Senhor. A vitória era com Ele. Como seria dEle a derrota se abandonasse o Seu unguento à irrisão dos inimigos. Fraco, pois — que lhe importava a sua fraqueza, se era a Força de Deus a sua arma e o seu escudo?! Outros, mais capazes, mais ricos de dotes humanos, sucumbem, ou não chegam tão longe, somente porque não acreditaram nem se entregaram a Cristo com semelhante intensidade.

Lutador do bom-combate, sim, Pai Américo não caiu no equívoco de restringir o Reino de Deus ao Reino dos Céus. Deus é o Senhor do Céu e da Terra. Mas, porque sobre a

Terra também o Demónio tem senhorio e realmente contesta a realza divina — eis que o discípulo de Cristo, soldado do Seu Reino, não pode fugir ao campo de batalha; para que Cristo reine de verdade e a Sua Paz seja fruída finalmente pelos homens. Os homens de boa-vontade têm-na na cidadela interior da sua alma. Mas, fora, quanta luta não é preciso sofrer e sustentar, para que ao menos aí a Paz não seja destruída e vá contagiando outros e mais outros e atraindo-os à construção de um Reino de Justiça e Amor, conforme ao Coração de Jesus.

Este é, pois, o retrato de Pai Américo que nós queríamos que fixassem os nossos Rapazes de todas as gerações que hão-de passar pela Obra; e todos os

que, com um sentimento de verdade, o tratam de Pai. Não o perfil de um homem bondoso, mas o de um lutador da Verdade, da Justiça, do Amor, tripeça sem a qual não há estabilidade para nada de valor eterno nem mesmo temporal.

Como, infelizmente, a Verdade, a Justiça e o Amor não são moeda corrente, que o Demónio até ao fim fará tudo por sonegá-la — eis que o combate em que Pai Américo se empenhou tem de ser continuado e continuá-lo é a nossa herança.

Por isso ele é para nós, uma presença viva, um chefe de guerra-santa que se ausentou para mais perto de Deus, é certo — para dEle nos transmitir mais frutuamente as ordens que nos farão ganhar a Paz.

# LOURENÇO MARQUES

Para os nossos leitores duas notícias agradáveis.

Vamos construir a nossa Escola. É a espera forçada pelo projecto da Casa-Mãe que nos obriga a alterar a ordem planeada das construções, mas é também a necessidade das crianças vizinhas que o pede. Estamos às portas da cidade, mas somos do mato. Ainda não compreendemos em toda a extensão o benefício da escola que o africano procura avidamente, sem que estejamos à altura de lho dar. Será que temos por mais seguro manter-nos à distância, com receio de levantarmos do nada quem mais tarde se levante contra nós?

As escolas das Missões têm crianças em demasia, algumas aos milhares, com poucos professores, mal pagos e mal preparados, justificando isso as acusações de pouco rendimento, apesar de tudo, simplesmente estatístico, que muitas vezes se ouve apontar.

Os muitos professores primários que vieram da Metrópole, espalharam-se por repartições públicas, onde mais descansadamente auferem o seu ordenado, sem o inconveniente de ter que renunciar à vida na cidade. Um mal de que todos enfermamos é esta psicose da

cidade e que tolhe a expansão escolar, embora não seja o único nem o maior.

Por isso nós queremos ser uma esperança nova para aqueles que nos rodeiam. É um edifício de três salas, gabinete de professores, anexos e recreio em moldura ajardinada. Linha simples mas bela, porque sem beleza não se pode educar. «O belo é fundamento duma sólida educação» escreveu Pai Américo. Não fazemos orçamentos porque não temos dinheiro. Procurei garanti-lo antes de construir e foi um logro. Se ganhei uma experiência amarga, perdi um rico tempo. E esqueci-me que «os obreiros do Evangelho vêem a obra feita ainda antes de começar». Já assim começo a ver. Quero confiar sempre em Deus a quem sirvo.

A outra notícia é de que vamos ter a nossa Festa à maneira do Coliseu do Porto. Ainda não assentámos quando nem onde, porque nem os ensaios começaram. Temos cenários de Paço de Sousa, guarda roupa assegurado e o talento do João, agora a trabalhar em Lourenço Marques, para urdir e ensaiar; mas se os rapazes já chegam, minga a arte em muitos. Vamos a ver.

Padre José Maria

Uma boa notícia — já encomendámos à fábrica papel para a reedição do 1.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato». Permita Deus que a remessa não demore. Temos a máquina à espera. E muitos amigos — há mais de 10 anos — desejosos de possuir essa rica obra saída do punho de Pai Américo.

O «Porta Aberta» continua a abrir a alma de muita gente! É certo que apesar ou por causa da época de veraneio, os pedidos diminuíram um nadita. Po-

## As nossas edições

rém, os enamoradas não se cansam de entoar hinos à recepção de tão precioso livro. Seja pela doutrina seja pelo estilo impar de Pai Américo. Tudo! Os senhores botem os olhos

para o depoimento do assinante 31470, da capital:

«Segue um vale para liquidação do livro «Porta Aberta», e peço desculpa pelo atraso, que não tem explicação, pois tem sido o meu livro de cabeceira e por ele vou verificando muitas vezes se a educação que dou aos meus filhos está certa...»

Que não houvesse mais (e são tantos!) bastava só este fruto para que fosse o «Porta Aberta». Aquele se é uma lição de Humildade — e de Paternidade consciente e responsável. Acredite, prezado amigo, sua carta vai abrir os olhos a muita gente. Sobretudo porque a vida hoje é tão dispersa, materializada e mecanizada. Os dias e os anos passam velozes e só tarde se bate com a mão no peito. Em suma: como em tudo, a vida de um Pai é um constante recomeçar.

Os postais-aviso que seguiram como mero trabalho de rotina, continuam ainda a fazer barulho. É sempre assim, aliás; consequência da nossa «desorganização organizada» e, também, de compreensivas faltas dos nossos leitores. Muitos já vão compreendendo o mínimo indispensável para que não haja lapsos. Quando se nos dirigem especificam o objectivo da importância, ou só para livros ou para livros e jornal. Se a remessa vem por cheque ou vale, não deixam mesmo de a acompanhar por uma carta ou postal a esclarecer. E muitos chegam à perfeição — se o nome é comprido e rece-

abreviado mandam na carta os próprios postais recebidos. Isto é um grande benefício de tempo. E evita maçadas sem conta. A propósito, reparem na amizade doutro amigo lisboeta:

«O vosso «mais um recado aos assinantes» acordou-me! Só tenho pena de não ter habilidade suficiente para dizer o «mea culpa» em verso. Porém, como o que é necessário é o vale de correio, ele aí vai com as minhas desculpas e acompanhado, como pediam, dos vossos postais, o primeiro recebido em 1967!!! E já agora, peço o favor de mudarem o meu endereço. Se eu já receber o próximo número do «Famoso» na morada acima fico ciente de que estou «absolvido...»

Há mais. Agora do Porto:

«Peço-vos perdão pelo esquecimento. Desculpas não as admito a mim próprio, pois que me regalei com o conteúdo do «Porta Aberta». Obrigado pelo V/ aviso e junto um cheque de 500\$00 para a sua liquidação. É muito em relação à obra material e pouco, muito pouco, em relação ao seu maravilhoso conteúdo espiritual.»

Só nos resta esclarecer de novo que temos, ainda, à disposição dos nossos amigos os livros seguintes:

- «Pão dos Pobres» II e III volumes
- «Obra da Rua»
- «Ovo de Colombo»
- «A Porta Aberta»

Se o leitor estiver interessado em qualquer das referidas obras enderece o pedido à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA.

Júlio Mendes



A malta dos terreiros limpa as barreiras da nossa Aldeia

## PATRIMONIO DOS POBRES

Continuação da PRIMEIRA página

algumas possibilidades de acudir a tão urgente, profundo e extenso problema.

Espera-se que o dinamismo que o animou, depois de ter fundado um leito de esperança, produza um movimento de obras que, começando por um fiozinho modesto, como os maiores rios, acabe por ir juntando outros poderes ao longo do seu curso e caminhe para o remédio total.

O Fundo de Fomento da Habitação é um organismo estável capaz de uma acção contínua. O espírito que presidiu à sua criação é uma demonstração prática do desejo de simplificar para melhor servir os interesses do nosso Povo.

«Fundem-se num só dois Serviços que funcionavam em duas Direcções Gerais diversas, tendo em vista a concentração de meios humanos e a diminuição de gastos». E espera-se que acabem as querelas esterilizantes, vulgares entre Serviços Públicos que visam o mesmo objecto, e gastam as suas energias e o seu tempo discutindo se é a este ou àquele que pertence emprender. Quantas vezes nos ocorreu, a propósito destas questões, aquela sentença de Salomão às duas mulheres que discutiam de quem era o filho vivo. «Parta-se ao meio e dê-se metade a cada uma» — sentenciou o Rei.

No caso presente, porém, à falta de entranhas maternas, ninguém cedia e o resultado era sempre mortal.

Agora não: Um só organismo que procurará nos restantes Serviços os apoios de que necessitar para a sua realização — e mais nada!

Mas há outro aspecto ideal que eu queria ainda focar. É que — assim reza uma nota do Gabinete do Ministério das Obras Públicas — «decidiu-se facultar aos dirigentes do novo organismo suficiente maleabilidade de adopção das modalidades de construção de casas para arrendamento, ou a atribuir em regime de propriedade resolúvel, de forma a poderem encontrar as melhores soluções para os diversos extractos da população portuguesa, já que em todos eles as carências no domínio da habitação se fazem sentir, embora em grau diverso.»

Ora graças a Deus que não se impõe a gregos e a troianos a mesma chapa, nem se veste pelo mesmo modelo o transmontano e o algarvio.

Resta só pedir a Deus que ilumine o Ministro na escolha destes dirigentes. Que não sejam mercenários, mas pelicanos, sem medo de rasgar o seu coração por amor daqueles para quem é o Fundo de Fomento da Habitação.

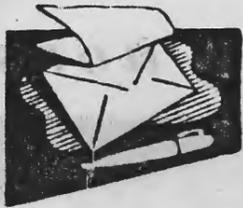


### «Meu Filho

Quando fôres grande hás-de ser, se Deus quiser, um homem rico. Lembra-te então que há muitos meninos da tua idade, que não têm sequer o indispensável para viver e isto, muitas vezes, porque não foram preparados desde pequenos, ou por outra, para a vida. Por isso, se puderes, procura os pequenos abandonados pelas ruas ou esses a quem a família obriga a mendigar e junta-os, ainda que sejam só uns 3 ou 5, prepara-os para a vida, pagando-lhes a educação onde se lhes dê um curso, uma profissão que os aguente pela vida fora.

Se todos os rapazes, que têm como tu, mais do que precisam, fizessem o mesmo, podiam ter a consciência do dever cumprido e acabar-se-ia com uma das maiores vergonhas da nossa terra. (Seguir o exemplo do Dig.mo Padre Américo).

Também te não deves esquecer do teu afilhado, do Manuel, do Carlos e dos pequenitos filhos do Dr. M. que se encontra doente e que ainda são teus primos. Só podes educar os teus amigos se lhes deres o exemplo do trabalho. Se não conseguires estudar para seres um médico, eng. etc., dedica-te a uma especialidade ainda que seja de carpinteiro, mas nunca deixes de trabalhar. Não é mal nenhum seres proprietário de casas, automóveis porque é



## Uma Carta

dinheiro que gira e dá a ganhar aos outros. O que é mal é teres o dinheiro parado e assim evitares de praticar o bem. Gastá-lo mal, também se não admite. Sê trabalhador, lembra-te dos outros na miséria e na desgraça, não faças aos outros o que não queres que te façam a ti; que todo o bem que praticares seja sempre, e só, por amor de Deus e Ele te abençoará.

Da tua Mãe.

Esta Mãe levou-a Deus muito recentemente, após «demorado sofrimento que aceitou com resignação cristã».

«Foi um exemplo para todos nós» — continua o marido. «Deixou esta carta ao nosso único filho, que é hoje um homem a terminar o seu curso de engenharia».

Com a carta veio «esse pequeno legado dela; porém a carta parece uma página arrancada à vossa doutrina, ou melhor, da doutrina cristã e é superior a tudo».

É verdade: Esta carta é um testamento sem preço. Escrita

para o seu filho quando ele abria os olhos para a vida. Escrita, decerto; para ele a ir lendo e relendo até a saber, não de cor, mas pelo coração.

Que feliz seria o Mundo se possuísse muitas Mães assim preocupadas e muitos filhos com tal lição aprendida de sua Mãe.

O trabalho — e o sentido da sua dignidade. «Só podes educar os teus amigos se lhes deres o exemplo do trabalho».

Se não conseguires estudar para seres um médico, engenheiro, etc., dedica-te a uma especialidade ainda que seja de carpinteiro, mas nunca deixes de trabalhar.»

Quantos pais, empoleirados na sua elevada posição social, fazem um drama porque os

seus filhos não querem ou não podem estudar e têm como desprimor que eles trabalhem segundo os talentos que receberam! Para esta Mãe o trabalho estava acima da espécie de trabalho. «Comer o pão com o suor do seu rosto» é condição indispensável a todo o homem que vem ao mundo. Também Deus, quando se fez homem, trabalhou e de carpinteiro. O homem que trabalha dignifica-se no cumprimento de dever tão universal, por muito muito humilde que seja o seu trabalho.

Outro conceito: O valor social da riqueza. «Não é mal nenhum seres proprietário... O que é mal é teres o dinheiro parado e assim evitares de praticar o bem.»

Por sobre a segurança do seu dinheiro, ou da comodidade de vida alicerçada sobre ele, está o dever de pôr «o dinheiro a girar e dá-lo a ganhar aos outros».

«Gastá-lo mal, também se não admite... nem Deus o admite, porque o dinheiro de cada um é seu quanto à posse, mas não

só seu quanto ao rendimento. Os talentos que o Senhor dá são do homem a quem foram dados. Mas a sua glória ou a sua condenação estão no rendimento procurado, ou no amalhamento egoísta e covarde.

Página sublime, sem dúvida, «de doutrina cristã», terminada por esta insistência e recomendação de sabor bíblico: «Sê trabalhador, lembra-te dos outros na miséria e na desgraça; não faças aos outros o que não queres que te façam a ti; que todo o bem que praticares seja sempre, e só, por amor de Deus e Ele Te abençoará.»

Que do Céu esta Mãe ajude o seu filho e nos ajude a compreender e a sentir a autenticidade única desta benção.

Visado

pela

Comissão de Censura

## Aqui LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

se é nas atitudes ou nos gestos menos se produz de válido.

Estamos num país apodado de cristão. Para lá de evidente miséria não faltam por aí fortunas colossais, que caudalosa e engrossam com o tempo. Às vezes os seus detentores ufanam-se de pertencerem a várias Confrarias ou Irmandades, sem olharem a mais nada, esquecendo a função social da riqueza e as colectas dos primitivos cristãos destinadas aos pobres de Jerusalém. Terrível incoerência entre a acção e a doutrina que dizem professar. As excepções, como sempre, só confirmam a regra. Mas nem só nos ricos se encontram, para mal dos nossos pecados, situações de indiferença ou de desprezo pelos irmãos mais carecidos. Não raro, muitos que querem gritar na praça pública acerca dos deveres dos outros, quando situados em planos equivalentes, são abrangidos por absoluta amnésia. Ninguém, todavia, poderá ter uma visão recta do Alto nem sequer em vislumbre de mera

solidariedade humana, se esquecer aqueles que vivem a seu lado. Ser-se homem ou apodar-se de cristão tem de ser testemunhado na prática.

É natural que estas palavras não sejam bem recebidas por alguns. Pouco importa, pois são verdadeiras e já nos habituámos a ver ondas alterosas onde a Verdade se desfalda. São ditadas pela sinceridade e plenamente justificadas pelos factos. Quem se devotou totalmente ao serviço do próximo, mesmo com os seus defeitos e as inerentes limitações, tem autoridade para escarpelizar o egoísmo e a indiferença da sociedade em que nos situamos. De palavras está o Mundo cheio e sem passarmos às obras, nada se conseguirá. Esperamos, apesar de tudo, com fé em Deus e nos homens, nossos irmãos, levar de vencida o alheamento de muitos e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance pelos Rapazes. Desta maneira a nova Aldeia será um dia uma realidade viva ao seu dispor.

Padre Luís



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Ontem levantou-se em Casa grande borborinho. «Roubaram vinte escudos ao Griséu.» Este chegou mais cedo da venda do jornal e pôs a saca de baixo do travesseiro do «Rouba-calças».

No fim do jantar o chefe avisou: — «Os vendedores vão já dar contas! No meio da Comunidade ressoava a novidade inquietante: — «É pá roubaram vinte paus ao Griséu.» A inquietação entrou-me também dentro da alma; não por causa do dinheiro mas por amor do larápio. Este sim queria eu apanhar. Este é que interessava, o dinheiro não me inquietava.

«Matateu», sub-chefe, encarega-se da destrinça. Acha-se uma pista. Alentejano e Cercal vieram depor. Alentejano acusa Cercal de que foi lá ver e pôs a mão na saca do dinheiro. Cercal nega. Continua a negar mas a sua palavra é posta em dúvida por uma falta passada e não confessada. É mesmo castigado. Nada. É tardia a hora nocturna. O calor faz desanimar a assembleia e os acusadores. Rui, chefe da camarata é encarregado de continuar hoje de manhã a pesquisa. Os vinte

# Setúbal

escudos apareceram logo. Falta o melhor: — saber do ladrão.

«Fugitivo» tinha a nota na mão. Adormeceu. Ela caiu no chão. Estava tudo a claro.

Rui, fez tribunal com os da sua idade na sua camarata. O réu foi castigado e por fim veio ao meu escritório.

— Sabes o que fizeste «Fugitivo»?

— Sim senhor, um pecado. A catequese na balla.

— E o que foi esse pecado? É necessário que a abstracção não mine as consciências. «Fugitivo» não discorria.

— Viste o que foi a aflicção de ontem à noite? O Griséu, mais o «Rouba-calças», o Rogério e eu todos aflitos? Viste?

— Vi.

— Soubeste que os da limpeza e da rouparia estiveram

ontem durante duas horas a saber quem tinha sido?

— Soube.

— Disseram-te que o Cercal foi castigado?

— Sim senhor.

— Vês que não dormíamos descansados se o dinheiro não aparecesse?

Para que roubaste?

— Não foi para nada.

— Não foi o quê, homem, diz lá. Põe a mentira a mexer. Diz lá...

— Foi prá Feira.

— Vês o que é o mal? O que é o pecado? O pecado traz sempre atrás de si uma complicação danada.

«Fugitivo» prometeu não voltar. Deu um abraço ao Cercal e eu dei-lhe outro a pedir perdão. Cercal, desta vez não foi e não volta a tornar.

«Fugitivo» é um monumento! Ele sozinho vale uma Casa do Galato. Abandonado dos pais vivia com os avós a quem fazia o que queria e andava a monte. Vêlo. É vivo. Cheio de riqueza humana.

Fez a princípio muitas fugas. Voltou sempre. O seu proceder deu-lhe o apelido. Agora estamos com liberdade a tentar pôr as qualidades em evidência e a eliminar os vícios.

É da erva. Todos os dias depois do almoço ele mais a sua companhia com o «Olhinhos» à frente vão prá ceifa da erva.

É assim a Casa do Galato.

Padre Acílio



Mais um grupo de trabalho, em serviço no jardim